

lago do silêncio  
série o mundo dos outros / volume 1  
anne bishop

Tradução de Luís Santos



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Dedicado à memória de  
Mike Briggs  
e  
Emma Lee.  
Serão sempre recordados.  
Janeiro de 2017

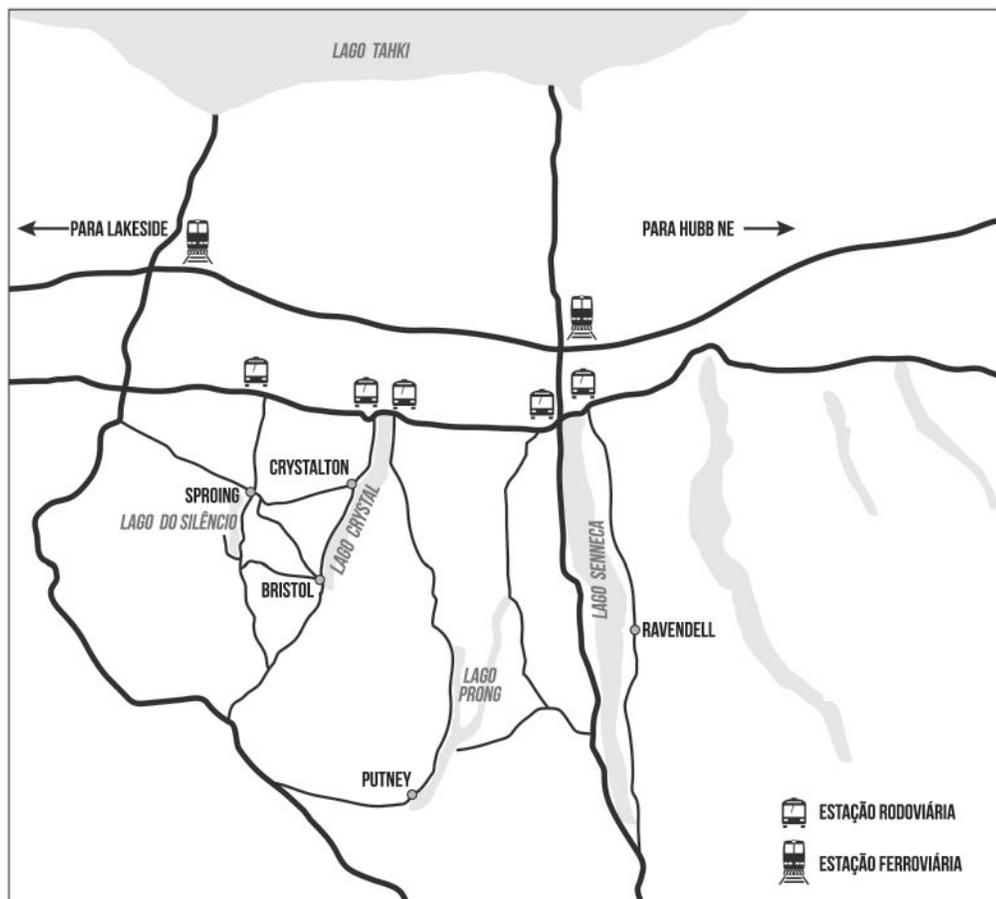


## Agradecimentos

Obrigada a Blair Boone por continuar a ser o meu primeiro leitor, bem como por toda a informação que me fornece, e eu transformo, de modo a ser integrada no mundo dos Outros; a Debra Dixon por ser a segunda leitora; a Doranna Durgin pela manutenção da página Web; a Adrienne Roehrich por gerir a página oficial de fãs no Facebook; a Nadine Fallacaro pelas informações sobre questões clínicas; a Jennifer Crow pelo incentivo sempre que necessário; a Ineke Prochazka por me ter apresentado o Jubly-Umph e o quokka; a Paige e a Dominique, as excelentes Guias dos Autores no Supanova 2016, que sabiam sempre quando deviam perder-nos por alguns minutos ao passarmos por uma banca cheia de brilhantes; a Anne Sowards e Jennifer Jackson pelo *feedback* que me ajuda a escrever melhores histórias; e a Pat Feidner pelo apoio e encorajamento constantes.



# Lagos do Dedo/da Pena



© 2017 Anne Bishop

Nota: Este mapa foi criado por uma autora com déficit geográfico, a qual fez o possível por fazer corresponder as estradas principais à história. Contudo, não se espere grande precisão.



## Capítulo 1

VICKI

*Dia da Lua, 12 de Junho*

**N**ão teria ficado a saber do morto se não tivesse entrado na cozinha no preciso momento em que a minha única hóspede estava pres-tes a aquecer um olho no forno de ondas.

Até então não fazia ideia de que era capaz de partir vidros com um grito; nunca me interrogara se um olho rebentaria quando aquecido num forno de ondas, qual *marshmallow* em forma de animal; e não me apercebera de que a minha hóspede — Agatha «chama-me Aggie» Crowe — era esse tipo de Corvo<sup>1</sup>.

Parecia tão normal. Isso, claro, se ignorássemos o facto de pagar a renda a tempo e horas todas as semanas, e de se ter mudado para o Cacharolete há três semanas e parecer estar satisfeita.

— Não podes comer isso! — Tentei soar firme, qual ser humano e empresária responsável. Verdade seja dita, aquilo saiu-me um tudo-nada histérico, e, muito sinceramente, fiquei a desejar ter demorado mais cinco minutos a entrar na cozinha.

Claro que, como a cozinha é um dos espaços comuns do edifício central, é bem possível que tivesse apanhado a Aggie a meio do almoço. Isso, garantidamente, teria sido mais perturbador. Pelo menos para uma de nós.

— Porque é que não o posso comer? — Mirou o olho a rebolar na pequena tigela que agora se encontrava na bancada. — Mais ninguém o quer. Está a começar a ficar mole. E o morto não precisa dele.

As palavras fizeram-me ultrapassar o que estava a ver.

— Qual morto?

— Aquele que não precisa do olho. — De repente, penas pretas diminutas surgiram-lhe junto à linha do cabelo, prova da natureza da minha hóspede. Teria de rever o contrato de arrendamento de modo a incluir

---

<sup>1</sup> «Crowe» tem o mesmo som que a palavra inglesa para «Corvo». (NT)

espaço para informações adicionais. Coisas irrelevantes, como por exemplo... sei lá... a espécie.

— Onde é que encontraste o morto?

— Na estrada rural que passa ao lado da propriedade do Rabugento.

Devia ter frisado que o senhor Milford não costumava ser rabugento, mas que ficava alterado quando alguém lhe roubava morangos ou fruta das árvores, já que ele e a esposa precisavam do rendimento da venda desses frutos frescos e de compotas caseiras. Claro que havia outras prioridades.

— Mostra-me. — Levantei a mão. — Espera. E não mordas isso.

— Mas...

— Não o podes comer. Pode ser uma prova.

Os olhos escuros mostraram bem como se sentia contrariada.

— Se não o tivesse aquecido por estar mole, não ficavas a saber do morto e eu podia ter almoçado o meu olho.

Não tinha como refutar, pelo que recuei até chegar ao telefone na parede e marquei o número de emergência da esquadra de Bristol. Bristol era uma povoação humana situada no extremo sul do Lago Crystal. Sproing, a única aldeia humana junto ao Lago do Silêncio, estava de momento sem força policial, pelo que Bristol saíra na rifa e ficara responsável por todas as ocorrências.

— Esquadra de Bristol. Qual é a emergência?

— Fala Victoria DeVine, do Cacharolete, em Sproing. Um dos meus hóspedes encontrou um morto. — É verdade que a Aggie era a minha única hóspede, mas não valia a pena fazer grande alarido *disso*, pois não?

Comecei a contar e cheguei ao sete antes de a telefonista dizer: — Viu o corpo?

— Não, mas a minha hóspede viu.

— Como é que sabe que o corpo está morto?

— Estou a ver um olho que já esteve preso ao corpo.

Desta vez contei até oito.

— Vamos mandar alguém. — As palavras demoraram a chegar, mas pelo menos foram proferidas e ficariam registadas oficialmente agures.

Não censurei a telefonista pela hesitação em mandar alguém a Sproing — afinal de contas, o polícia que tivéramos antes da Grande Predação do ano passado fora comido, e um par de agentes que haviam respondido a pedidos de ajuda desde então haviam provocado qualquer coisa no território selvagem e não regressaram à esquadra —, mas fiquei ressentida com o

facto de me estar a culpar por aquilo que a polícia viesse a encontrar. Claro que eu estava a reter uma pequena informação.

Nem imaginava a reação do agente que tivesse de falar com um *terra indigene*.

Deixem-me adiantar-lhes algumas informações que podem vir a ser úteis. Chamo-me Victoria «chamem-me Vicki» DeVine. Já fui a senhora Yorick Dane, mas abdicar do nome de casada foi uma das condições para receber propriedade valiosa — ou seja, o Cacharolete — como parte do acordo de divórcio. Pelos vistos, a segunda senhora Dane oficial não gostava da ideia de que alguém tivera o apelido primeiro. Pelos vistos, não parecia igualmente possessiva em relação ao Apêndice Vigoroso do Yorick. Podia ter-lhe dito que umas dezenas de outras mulheres já o haviam tido antes de ela reclamar os direitos. Mas não seria a única a contar com o apêndice durante muito tempo, pelo que achei que ela devia ficar a saber da verdade à bruta, tal como acontecera comigo. Claro que se ela tivesse sido uma dessas aventuras, então já conhecia os sinais e sabia como cortá-los pela raiz. Talvez fosse por isso que, antes de eu ter saído de Hubb NE, a tivesse visto no centro de jardinagem, a comprar tesouras de desbastar — daquelas de pegas compridas, das que se usa para podar ramos —, quando, ainda na semana anterior, a ouvira dizer que a jardinagem era um passatempo para mulheres que não sabiam fazer mais nada, pelo que não seria de interesse para *ela*.

Mas adiante. Fui casada com o Yorick Dane, um empreendedor — ou seja, um tratante —, embora nunca tivesse percebido ao certo do que ele tratava. Dizia que eu não tinha cabeça para os negócios. Eu acabei por dizer que não tinha era cabeça para enganar, fossem eles quais fossem. De repente, após uma década de casamento, ele disse que eu não correspondia às promessas implícitas no meu nome, ou seja, que eu não era, de todo, sensual. Confundia-me que ele tivesse demorado uma década a perceber que eu tinha um metro e sessenta e era rechonchuda, ao invés de ser uma *stripper* de um metro e setenta e enormes seios. Mas assim que fez a descoberta decidiu que precisava de alguém que o apoiasse, e essa pessoa não seria eu.

E foi assim que me tornei proprietária do Cacharolete. De acordo com a história que era contada pela família do Yorick assim que bebiam um copo a mais, o Cacharolete foi concebido e construído pela tia-bisavó do Yorick, a senhora Honoria Dane, uma mulher que tinha tanto de visionária como de excêntrica. Ela e os irmãos haviam recebido partes iguais da fortuna do pai, com os quinhões a serem distribuídos aquando do vigésimo

quinto aniversário. A tia-bisavó (nunca ouvi ninguém a referir-se a ela pelo nome) enterrara a sua parte da fortuna na construção do Cacharolete. Supostamente devia ser uma comunidade autossuficiente e autossustentável. O declínio começara praticamente assim que a tia-bisavó concluía a edificação.

O Cacharolete consistia do edifício principal de primeiro andar, com um apartamento pequeno, mas totalmente equipado, para o dono, a par de duas suítes com casa de banho privativa para hóspedes. Contava ainda com uma grande cozinha comunal, uma sala de jantar, biblioteca, sala de convívio, escritório do proprietário, várias divisões vazias cujo uso ainda não identificara, e uma grande zona de banho, adjacente à cozinha, que podia acomodar até quatro pessoas de cada vez, conquanto não fossem tímidas. A par do edifício central havia quatro conjuntos de anexos — compostos por três casas cada um — a curta distância do edifício central. Cada casa era semelhante a um apartamento de serviço com espaço aberto — sem paredes nem portas, salvo para a casa de banho. Bem, as três casas junto à margem do lago mais próximas do edifício central contavam com casa de banho privativa. As outras nove casas eram mais primitivas, sendo um projeto em desenvolvimento.

Havia hectares de terreno que podiam ser usados pelos... seres... residentes — muito espaço para cultivar alimentos ou para criar uma cabra ou duas, fosse qual fosse a razão por que se criam cabras. Havia até uma capoeira, sem galinhas. É possível que também lhe faltasse outras coisas, mas se as galinhas não pagavam renda, não tinha como lhes melhorar o alojamento. Mas o Cacharolete dispunha de algo que faltava à aldeia de Sproing — contava com acesso fácil ao Lago do Silêncio, uma massa de água discreta quando comparada com os restantes Lagos do Dedo. É verdade que havia uma praia pública no extremo sul do lago, mas, para mim, a praia e a doca privadas do Cacharolete eram bem mais agradáveis.

Quem negociara o acordo de arrendamento original para uso do terreno conhecia todos os buracos passíveis de serem utilizados para redistribuição/replaneamento/re-qualquer-coisa do terreno. Os termos, esses, eram brutalmente simples: era o Cacharolete, com o seu número concreto de edifícios de dimensão específica e tantos hectares de terreno arável (uma percentagem modesta da área total), ou nada. A herança Dane correspondia aos edifícios e ao seu conteúdo. O terreno só podia ser usado de acordo com os termos do contrato.

Só mais uma informação. Sproing é uma aldeia humana com uma

população de menos de trezentos habitantes. À semelhança da maioria das aldeias na zona dos Lagos do Dedo, se não mesmo todas, não é controlada pelos seres humanos. É verdade que temos um presidente da câmara e um conselho eleitos, pagamos impostos para a recolha do lixo, para a manutenção das estradas, etc. A grande diferença é a seguinte: no continente de Thaísia, uma povoação controlada por humanos é um terreno definido com fronteiras, e os seres humanos podem fazer o que quiserem dentro desses limites. No entanto, as aldeias como Sproing não têm fronteiras, ou seja, não têm essa distância dos *terra indigene*. Os nativos da terra. Os Outros. Os predadores dominantes que controlam a maior parte da terra e toda a água do mundo.

Quando não há fronteiras, nunca se sabe o que nos estará a observar.

O mais surpreendente é que desde há décadas que não se verificam interações com os Outros. Pelo menos nas redondezas de Sproing. Talvez os Outros andem por aí a comprar t-shirts que dizem VEM SPROINGAR COMIGO OU EU ♥ SPROINGERS sem que ninguém dê por isso, mas embora a aldeia tenha perdido cerca de um quarto dos residentes devido à Grande Predação do verão passado, toda a gente continuou a querer acreditar que os Outros andavam Lá Fora e não nos consideraram suficientemente interessantes — ou incómodos — para nos caçarem e comerem.

O que me deixa a pensar se os Outros virão à aldeia regularmente, quais turistas. E isso, por sua vez, deixa-me a pensar se terá passado despercebido a toda a gente que em determinados fins de semana há lojas que esgotam condimentos como *ketchup* e molho picante — ou que a corrida ao *ketchup* e ao molho picante coincide com o desaparecimento de habitantes.

Será algo a perguntar à Aggie depois desta questão do olho.

## Capítulo 2

GRIMSHAW

*Dia da Lua, 12 de Junho*

O agente Wayne Grimshaw encaminhou-se para a aldeia de Sproing com as luzes intermitentes do carro-patrolha a servir de aviso a todos com quem se cruzava de que estava em serviço. A sirene, no entanto, permanecera silenciosa, pois o som chamaria a atenção de tudo o que se encontrasse por ali num raio de quilómetros — e quando alguém se encontrava em território selvagem, mesmo numa estrada alcatroada que era, vagamente, reconhecida como ponto de passagem autorizado, era melhor não alertar os nativos da terra para a sua presença.

*Denúncia de cadáver no Cacharolete, nos arredores de Sproing.*

Sproing. Que os deuses que riam lhe valessem, mas que raio de nome para uma aldeia. Até parecia uma espécie de praxe — o caloiro que tomasse conta da ocorrência e andasse a perguntar o caminho para Sproing. Tantas piadas que se poderiam fazer com isso.

Mas ele sabia que o nome não era uma piada. Já o vira no mapa da esquadra de Bristol e haviam-lhe dito que quaisquer ocorrências relatadas pelos residentes em torno do Lago do Silêncio faziam parte da jurisdição de Bristol. A juntar a isso, a telefonista de emergência, uma mulher sisuda, parecera relutante em enviá-lo — e outros agentes da esquadra haviam-no aconselhado a entrar e a sair o mais depressa possível de qualquer intervenção junto ao Lago do Silêncio, pois as coisas nesse lago específico eram um bocadinho... estranhas.

A aldeia contava com uma pequena esquadra, mas já não dispunha de efetivos — não havia um único polícia a patrulhar as ruas. Os residentes dependiam da brigada de trânsito que operava a partir da esquadra de Bristol, e, mesmo assim...

Nos últimos meses, dois agentes que haviam respondido a ocorrências em torno de Sproing não haviam regressado. Um deles fora encontrado

no carro-patrolha, o qual havia sido esmagado por algo forte o suficiente para espalmar um carro com os punhos, ou patas, ou um qualquer malfadado apêndice. O outro... A maior parte do agente fora encontrada, mas ninguém sabia o que levava ao ataque, ou o porquê de ter sido tão brutal. Ambas as mortes serviam como lembretes de que parte dos deveres da brigada de trânsito implicava percorrer o território selvagem, e nunca se sabia o que podia estar à espreita quando se saía do veículo.

Grimshaw andava de patrulha nas estradas secundárias a sul de Bristol — um percurso que o aproximaria do Lago do Silêncio —, pelo que ao avistar a placa que indicava o caminho para o lago entrou na estrada de terra batida, na esperança de que o levasse ao Cacharolete, local que lhe haviam dito ser uma espécie de estância à beira do lago. Em vez disso, foi parar à zona de estacionamento da praia pública no lago.

Pelo que apurara do discurso do capitão, as terras no lado ocidental do Lago do Silêncio eram privadas — ou, pelo menos, havia um privado que as controlava —, tal como a maior parte do lado oriental. Não havia acesso para veículos à margem norte do lago, restando apenas a zona sul para quem quisesse dar um mergulho refrescante num dia quente ou sair de barco para pescar, ou outras atividades.

Grimshaw franziu o cenho ao ver as duas placas no muro baixo de pedra que separava o estacionamento da praia.

A primeira dizia:

LEVA O LIXO SENÃO

A segunda dizia:

PODES NADAR, PESCAR, VELEJAR, REMAR, USAR CANOAS OU JANGADAS POR TUA CONTA. SE LEVARES UM MOTOR PARA A ÁGUA, MORRES.

Nenhuma das mensagens tinha nada de ambíguo.

Grimshaw deu meia-volta com o carro e regressou à estrada principal, a caminho de norte. A saída seguinte tinha uma placa antiga que indicava o caminho para o Cacharolete. Virou e seguiu o acesso de saibro até ao edifício principal. Ao desligar o motor levou dois dedos ao peito, sentindo a medalha de ouro redonda de Mikhos, o espírito guardião dos polícias, dos bombeiros e do pessoal clínico — um talismã que usava

todos os dias por baixo da farda desde que se formara na academia de polícia, há uma década.

— Mikhos me proteja. — Era a prece que murmurava sempre que respondia a uma ocorrência.

Uma mulher de aspeto agitado deixou-se ver. Tinha cabelo ondulado castanho, rosto afável e um corpo que descreveria como entroncado, caso se tratasse de um homem. Não distinguia mais nada àquela distância, pelo que o agente Wayne Grimshaw saiu do carro-patrolha e abordou a Menina Victoria DeVine por causa de um cadáver.

## Capítulo 3

VICKI

*Dia da Lua, 12 de Junho*

— Não posso! — lamuriou-se a Aggie, ganhando mais penas quando lhe disse que teria de falar com a polícia. As penas pretas adicionais que lhe apareceram no cabelo perturbavam-me menos do que as que lhe surgiram de repente no rosto e nos antebraços.

— Tens de falar — insisti, tentando permanecer calma. Depositei um pires sobre a tigela com o olho. — És a única que sabe onde encontrar o corpo. Quando a polícia chegar, tens de lhes mostrar onde está.

— Mas assim fico em *apuros!*

Sustive a respiração e senti o coração a dar um salto. A Aggie era diminuta e tinha uma estrutura óssea pequena — a minha bolsa devia pesar mais do que ela. Claro que, sendo um *daqueles* Corvos, podia ser bem mais forte do que aparentava.

— Aggie, tu não...? — O que faria eu caso ela admitisse ter matado um homem para lhe comer o olho? Imaginei-me forte e corajosa, e a executar uns golpes de defesa pessoal, mesmo sem saber como. Depois imaginei-me a esboçar um sorriso antes de sair dali a correr.

Gostava da ideia de fugir. Fazia muito mais sentido.

— Eu não o matei! — A Aggie parecia insultada. — Estava morto quando o encontrei, e já só tinha um olho.

— O que aconteceu ao outro?

— Não sei. Se calhar foi comido.

Eu gostava da Aggie, por isso não lhe queria fazer mais perguntas. Peguei na tigela com o olho e saí, para esperar pela polícia. A Aggie seguiu-me pela porta, mas começou a encaminhar-se para as árvores.

— Aggie... — Ao ouvir os pneus no saibro virei-me e fiquei a ver o carro da polícia a aproximar-se da casa e a travar numa posição em que

bloqueava o acesso. Quando me virei havia um molho de roupas por baixo de uma árvore. A Aggie desaparecera. Fiquei ali sozinha, de tigela nas mãos, à espera que o polícia saísse do carro.

Estão a ver aqueles heróis dos desenhos animados com queixo quadrado de aparência forte, dentes reluzentes, ombros *largos* e cintura estreita? O homem que saiu do carro podia servir de modelo para a caricatura, embora tivesse proporções corretas e parecesse bastante oficial, com as tralhas que trazia penduradas no cinto. Envergava óculos de sol, pelo que não lhe via olhos, nem podia dizer se a expressão era um afável «Posso ajudar, ‘nha senhora?» ou um frio «Está a incomodar-me, por isso toca a despachar».

Se ele tivesse parado para me ajudar caso eu estivesse enalhada numa estrada escura e solitária, ficaria felicíssima por vê-lo. Mas a presença deixava de ser reconfortante ao não ter a certeza de não vir a ser acusada de ser a vilã da história.

— Foi a senhora que ligou a dar conta de uma morte suspeita? — perguntou, acercando-se à cautela.

Era um homem corpulento e tinha a voz forte. Não que estivesse a gritar comigo, nem nada que se parecesse, mas era o tipo de voz que parecia um martelo — o tipo de voz que, a par de um tom ameaçador, provocava um ataque de pânico.

Deteve-se e ficou a observar as marcas de garras numa árvore — marcas nas quais eu não reparara, pois estavam mais altas do que a minha normal linha de visão.

Seria algo a ter em conta numa noite quente de verão, quando me estivesse a tentar convencer de que é seguro abrir as janelas para deixar entrar ar. Talvez não tivesse problemas com ladrões, pois não tenho nada para roubar. Mas, e quanto ao misterioso Homem das Garras?

Lera algures que um urso normal era capaz de espetar as garras na porta de um carro e arrancá-la fora de modo a chegar a qualquer guloseima que tivesse sido deixada lá dentro. O mais certo seria que o que andasse pelas matas do Cacharolete não fosse propriamente normal, embora, verdade fosse dita, a Aggie fosse a única *terra indigene* que eu vira — mas era preciso focar o «ver». Se um dos corvos que andava ali pelo Cacharolete era do Clã dos Corvos, quantos outros teriam mais que se lhes dissesse?

— A minha hóspede encontrou um corpo junto à estrada entre a minha propriedade e os pomares dos Milfords — respondi-lhe, tentando deixar transparecer um tom prestável-casual. Estendi a tigela. — Tome. É uma prova.

O polícia aceitou a tigela, levantou o pires e fitou o olho. Pelo menos imaginei que estivesse a mirar o olho. Como tinha aqueles óculos espelhados, até podia estar a olhar para mim — e de repente apercebi-me de que não fazia ideia do que ele poderia encontrar caso me pedisse para ver o frigorífico.

— Espere aqui. — Voltou ao carro e abriu a bagageira. Regressou daí a pouco, sem o olho. Também não me parecia que fosse recuperar a tigela e o pires. — Vou ter de falar com a sua hóspede.

— Ela está um bocadinho apreensiva por ter de falar com a polícia.

O agente tirou os óculos. A expressão nos olhos cinzentos-azulados dizia que era melhor que ela se descontraísse rapidamente. Claro que podiam ser vestígios da minha experiência anterior com homens. Homem. Aquele que me fazia pensar que eu era culpada de alguma coisa, mesmo sem controlar as ações, os pensamentos ou as opiniões alheias.

— Ela indicou-lhe a localização? Pode mostrar-me o alegado corpo?

Acabara de lhe entregar um olho. A sério que o corpo continuava a ser alegado?

— Eu...

— *Crá.*

Olhei para o corvo — ou Corvo — empoleirado numa árvore uns metros além de um dos abundantes aceiros no Cacharolete.

— Sim, posso. — Encaminhei-me aceiro abaixo, esperando estar a seguir a Aggie e não outro corvo qualquer.

Da segunda vez que tropecei e quase me estatelava, não fosse pela mão do agente no meu braço a equilibrar-me, ele resmungou: — Fazia melhor em ver por onde anda, em vez de estar a olhar para as árvores.

Era um bom conselho. Gostava de o poder seguir, mas não queria ter de explicar que o nosso guia se encontrava nas árvores, pois isso obrigar-me-ia a esclarecer a natureza desse nosso guia.

— Espere lá — disse ele, depois de estarmos a andar há um bocado. Parecia uma eternidade, e como não fora buscar o meu relógio de pulso antes de darmos início à caminhada, o tempo teria de ser medido segundo o que me parecia. — Faz ideia para onde estamos a ir?

— É claro que sim, agente... — Apercebi-me de que ele não me dissera o nome. Será que não fazia parte dos procedimentos?

— Grimshaw.

— A sério? — Pois, talvez não fosse a melhor das respostas, sobretudo vinda de alguém chamado Vicki DeVine. — A propriedade dos Milfords

fica entre o Cacharolete e a estrada para Sproing. O corpo foi encontrado junto ao caminho entre a terra dos Milfords e a minha.

— Então devíamos estar a seguir para leste?

Estava prestes a concordar, mas a resposta afirmativa ficou-me entalada na garganta. *Devíamos* estar a seguir para leste? Será que a pergunta era uma rasteira? Não podíamos estar a seguir para oeste. O lago ficava a oeste da casa principal — podia ver-se das traseiras da casa principal. Mas isso deixava duas direções potenciais.

— Menina DeVine? — O agente Grimshaw não parecia propriamente satisfeito.

— Aaa...

— *Crá.*

Suspirei de alívio.

— Por aqui.

De repente estavam três corvos no mesmo ramo, o que me fez pensar no jogo do copo em que temos de descobrir onde está a ervilha.

Três pássaros pretos naquele ramo ali. Qual deles era a *A-G-G-I-E*?

— *Crá.*

Só um deles alçou voo, pelo que o segui, na esperança de que fosse um Corvo, com o agente Grimshaw a seguir-me. Mal jogado. Se calhar devia ter admitido a minha dificuldade com a orientação *antes* de o levar para a mata.

— *Crá!*

Terreno aberto. Luz do Sol. A estrada de terra, ou seja, o caminho rural. E o corpo.

— *Blhéc.* — Não terá sido uma reação profissional, mas eu também não era profissional, além de esperar sinceramente nunca mais voltar a ver aquele homem. Os dois.

— Fique aqui — indicou o Grimshaw, acercando-se do corpo.

Como se eu quisesse aproximar-me. Já tinha as pernas bambas e o estômago às voltas.

— Este corpo foi perturbado.

— Eu também ficaria perturbada se morresse de repente — repliquei.

O agente Grimshaw virou-se o suficiente para me olhar e deve ter decidido que eu não estava a tentar armar-me em engraçadinha; não tinha grande controlo sobre aquilo que dizia. Uma vez que lidara bastante bem com o olho, a única explicação seria que o meu cérebro decidira que, na presença de mais alguém que resolvesse o problema, já não precisava de

estar totalmente funcional durante aquela fase da crise, podendo dar-se ao luxo de sofrer um miniatraque de ansiedade.

— Não houve muita predação — disse o Grimshaw, analisando o corpo. — Não me parece que esteja aqui há muito tempo.

— A Aggie disse que o olho estava mole. Foi por isso que o quis aquecer no forno de ondas. Não acha que ia demorar algum tempo até que o olho ficasse mole?

Observei-o a pôr os óculos de sol antes de se virar para me encarar.

— A Aggie é a sua hóspede? — Voz Ártica.

Assenti, satisfeita por não lhe ver os olhos. Senti as entranhas a liquefazerem-se enquanto esperava que a Voz Ártica se transformasse na Voz de Martelo.

— Preciso mesmo de falar com ela.

As minhas entranhas instáveis traduziram a Voz Oficialmente Educada como sendo mais encorajadora do que assustadora, por isso apontei para o ramo por cima da minha cabeça.

— Força.

A cabeça do agente Grimshaw mexeu-se, pelo que pressupus que estivesse a olhar para cima. Depois, quando desviou o olhar, ouvi-o a dizer: — Bolas. — Não foi propriamente a dizer. Mais parecia um fôlego a ganhar forma de som.

A Aggie ergueu ao de leve as asas, no que podia bem ser um encolher de ombros apologético, e soltou um *crá* tímido.

O Grimshaw tirou o telefone móvel e fez uma chamada. Os minutos seguintes mais pareceram uma série de televisão, com um «agente precisa de assistência» e pedidos de médicos-legista e de transporte para os restos mortais.

Mal começara a explicar a situação quando sete pássaros se dirigiram ao corpo. Aterraram perto e acercaram-se, mesmo com o Grimshaw a agitar um braço para os manter afastados.

— São teus amigos? — perguntei, olhando para a Aggie.

— *Crá*.

— Agente...

— Eu ouvi.

Pois. Corvos normais já seriam um problema, caso se pretendesse evitar a remoção de mais pedaços de corpo para um jantar. Agora, lidar com o Clã dos Corvos? Isso seria um fiasco de RP à espera de acontecer para a polícia — para a polícia e para todos os serviços humanos que

viesses a ser afetados por os *terra indigene* não gostarem de ser afastados do bufete.

Ou será que *não* era o corpo a origem da atração? Vi um cintilar de ouro. Um relógio de pulso. Parecia que alguém o tentara tirar e fora interrompido. Pela nossa chegada?

— Tenho de permanecer com o corpo até à chegada da Unidade de Investigação Criminal — disse o Grimshaw. — Consegue regressar à casa?

— Claro.

— *Consegue* regressar à casa?

Teria assim tão pouca confiança em alguém com deficiência de orientação?

— *Crá*. — Pelo menos a Aggie tinha a certeza de nos conseguir levar de volta à casa principal.

Ora aí está, Agente Chico-Esperto.

Encetei o caminho de volta, certa de que seria capaz de o perder de vista antes que eu me perdesse.

— Menina DeVine?

A voz do Grimshaw deteve-me, mas não me virei.

— Sim, agente?

— Continuo a ter de falar consigo e com a sua hóspede. Não se vão embora.

Como se conseguisse ir a algum lado com o grande veículo oficial a bloquear o caminho de acesso à casa. Não me estava a ver a pegar na bicicleta para tentar escapar a um agente de autoridade. Ademais, só tinha relatado a existência de um corpo. Até que ponto poderia meter-me em sarilhos por causa disso?

## Capítulo 4

### ELES

*Dia da Lua, 12 de Junho*

Observou os três homens que convocara para aquela reunião tardia. Dois deles eram membros destacados do clube, homens que sabiam como organizar um negócio e mantê-lo até obterem dividendos. Eram amigos de longa data e já trabalhara com eles em vários projetos bastante bem-sucedidos e lucrativos. O terceiro homem herdara dinheiro e um apelido sólido, mas era um vigarista de terceira categoria que se julgava importante — e era capaz de convencer outros de que era tão bom quanto se julgava, pelo menos até que começassem a analisar os negócios que fizera. Tornava-se depois óbvio que o êxito dependia de ser um tubarão numa pequena poça de água.

Regra geral, um homem assim não seria incluído num negócio daquela envergadura, mas o tolo era quem tinha os documentos do ativo que queriam — um ativo que a família dele não utilizava desde há décadas. Mas o tolo já *não tinha* os documentos, um pormenor que ele se «esquecera» de referir até que os outros homens se haviam comprometido, deixando de o poder excluir sem manchar as reputações perante os restantes membros do clube.

Mas esse pormenor olvidado era o motivo por que estavam agora a deparar-se com problemas.

— O Franklin Cartwright morreu — informou ele, a voz carregada de fúria.

— Assassinado? — perguntou o tolo, parecendo esperançoso.

— Foi morto. As minhas fontes confirmam que não pode ter sido nada humano.

— O Cartwright obteve os documentos de que precisamos antes de ser morto? — perguntou o homem mais velho. De cabelo grisalho e constituição robusta, era uma década mais velho do que os restantes envolvidos naquele negócio.

— Não, mas uma outra fonte vai certificar-se de que esses documentos não ficam ao dispor de quem possa precisar deles.

O mais velho aquiesceu.

— Se a cabra não conseguir provar que é Menina do ativo...

— Isso dá-nos tempo. — Observou o tolo. — Porque é que perguntou se o Cartwright foi assassinado? Acha que a nulidade da sua ex-mulher seria capaz disso?

— Ná. — O tolo abanou a mão, como se apagasse as palavras. Ela é um zero à esquerda. Basta levantar-se a voz e ela faz o que lhe disserem.

Olhou para os dois homens que considerava amigos.

— Uma acusação de homicídio não vai pegar, mas vou falar com um dos nossos colaboradores que está no local. Vejamos se ele consegue levar a zero à esquerda a convencer-se de que vai ser responsabilizada pela morte do Cartwright.

Todos consideraram a ideia esplêndida. Como sabia que o tolo iria para casa e revelaria todos os pormenores daquela reunião secreta à nova esposa, não adiantou mais nada acerca dos planos, mesmo sendo essa nova esposa sua prima. E esperou que os outros saíssem do edifício antes de telefonar aos colaboradores que se encontravam em Sproing.

## Capítulo 5

### GRIMSHAW

*Dia do Sol, 13 de Junho*

**N**a manhã seguinte, Grimshaw estacionou o carro-patrolha à frente da esquadra de Sproing e ficou a observar o edifício. O exterior mais parecia uma loja que ainda não fechara as portas, mas que não estava a ser bem cuidada, pois o dono deixara de procurar obter lucro.

Uma vez que fora destacado para ali, isso não augurava nada de bom, pois podia ser a opinião visual do último agente na esquadra.

— *É um destacamento temporário — dissera o capitão Hargreaves.*

— *Não me dou bem com os outros. É por isso que estou na brigada de trânsito — resmungara Grimshaw. — Porque é que não é a equipa da UIC local a falar com os residentes? A investigação agora pertence-lhes. Que seja um deles a sentar-se à secretária em Sproing.*

*Silêncio. Ainda só estava às ordens de Hargreaves na esquadra de Bristol há duas semanas e já aprendera a recear esse silêncio pesado.*

— *O facto de a equipa da UIC de Putney se ter encarregado deste caso é muito estranho. Devia estar fora da jurisdição deles — acabara Hargreaves por dizer. — Preciso de alguém na aldeia que me responda diretamente e que seja capaz de lidar com as questões do dia a dia durante esta investigação, e decidi que esse alguém vai ser você. — Daí a pouco acrescentou: — Temos de ter cuidado. Não podemos pisar calos. O pessoal da cidade nem sempre se lembra disso quando chega a um sítio pequeno como Sproing.*

Ou seja, mesmo sabendo como os *terra indigene* reagem às coisas de que não gostavam, a equipa da UIC poderia querer conduzir a investigação como se estivesse a lidar unicamente com outros seres humanos.

Assim sendo, ali estava ele, encarregado temporariamente da esquadra de Sproing, enquanto a UIC de Putney investigava a morte suspeita de Franklin Cartwright — isso se os cartões de visita encontrados junto ao corpo pertencessem realmente à vítima.

O capitão Hargreaves dissera-lhe que a esquadra estaria aberta. Caso não estivesse, deveria procurar o presidente da câmara ou os inquilinos com escritórios no primeiro andar. A porta não estava trancada, pelo que Grimshaw entrou para dar uma vista de olhos pelas instalações, satisfeito por não ter de falar já com alguém. Encontrou um conjunto de chaves na gaveta de uma das secretárias e, partindo do princípio de que lhe haviam sido deixadas, guardou-as no bolso. Partiu igualmente do pressuposto de que o senhorio — ou a empresa que detinha o edifício — teria chaves da esquadra, bem como dos dois escritórios no primeiro andar. Um deles fora alugado pelo único advogado da aldeia. E o segundo? Hargreaves não dispunha de informações sobre o outro locatário.

Duas secretárias, uma de cada lado do espaço. Duas cadeiras que serviam as secretárias e uma cadeira para as visitas à frente de cada uma. Armeiro sem armas de fogo. Uma cela nas traseiras do edifício — mais especificamente, uma divisão com uma cama e uma mesa de cabeceira frágil, barras na janela e uma porta com grades. Espaço para suprimentos e uma parede de arquivadores com *dossiers*, embora nada recente. Uma casa de banho com chuveiro. Um pequeno espaço de cozinha com um frigorífico velho que ainda funcionava e uma cafeteira elétrica nova.

Se fosse preciso, poderia instalar-se na esquadra até encontrar um alojamento temporário.

Grimshaw passou com o dedo pelas secretárias e ficou surpreendido por não trazer mais nada atrás além de uma fina camada de pó — o que se esperaria antes da limpeza semanal. Portanto, a sensação delapidada vinha mais da idade e das paredes escuras, não tanto da falta de manutenção.

Não tinha a certeza se isso seria melhor ou pior.

Depois de visitar o novo quartel-general, Grimshaw saiu. O edifício municipal, que albergava o tribunal e as sedes dos vários serviços públicos, ficava de um dos lados da esquadra. O único banco ficava no lado oposto.

No outro lado da rua, mesmo à frente da esquadra, havia uma loja chamada Casa do Leite Ouro.

— Pelos deuses que riem — resmungou Grimshaw ao atravessar a estrada. Seria uma espécie de leitaria? Ou algo mais esotérico e à beira da ilegalidade?

Chegado ao passeio, e ao ver a placa na montra que anunciava saldos em livros usados, percebeu. Casa do Leite Ouro. Casa do Leitor.

— Que giro. — Detestava coisas giras e sentia-se já inclinado a antipatizar com o dono potencialmente afetado do estabelecimento.

A porta de madeira estava escancarada. Grimshaw abriu a porta de rede e entrou. Enquanto os olhos se adaptavam ao interior mais escuro, Grimshaw passou pela experiência incômoda de reconhecer quem se encontrava à bancada de informações, logo à entrada da loja.

— Olá, Julian — cumprimentou Grimshaw.

— Olá, Wayne. Lamento se por acaso foste arrastado para esta situação com o cadáver.

Uma década antes haviam sido cadetes numa das academias de polícia da Região Nordeste, tendo continuado amigos até alguns anos depois da graduação, altura em que Julian desaparecera. Mas Grimshaw só recolhera informações suficientes para aventar palpites sobre Julian Farrow devido aos acontecimentos do ano anterior — acontecimentos esses que haviam abalado todo o continente de Thaísia.

Julian fora um cadete brilhante. Embora não chegasse ao ponto de arruinar a média geral em alguns dos testes, Julian dispunha da capacidade invulgar de avaliar o que o rodeava e saber quando algo não estava bem, mesmo sem quaisquer indícios de problemas.

Na academia, durante os exercícios, sabia em que altura a polícia precisava de entrar num beco de armas em riste e quando bastava a sua presença para deslindar — ou acalmar — os problemas que pudessem estar a formar-se. Uma vez em funções, essa capacidade salvara outros agentes em inúmeras ocasiões. Razão pela qual o Incidente tivera consequências mais graves do que poderia ter sido o caso.

Julian descobrira falcatruas — provavelmente alguma forma de corrupção em círculos oficiais ou policiais. O tipo de falcatrua que destruía carreiras e era acompanhado por penas de prisão. Mas ninguém tinha a certeza, pois certa noite, estava ele no turno noturno e com o parceiro em falta por se sentir indisposto, Julian respondeu a um pedido de auxílio. Ao chegar, não encontrou a mulher assustada que marcara o número de emergência; encontrou cinco homens de balaclava à sua espera. Atacaram-no com cacetes e facas antes que ele conseguisse sacar da arma e disparar.

Ou tentaram atacá-lo. Julian não entrara o suficiente no beco para que o trabalho fosse bem-sucedido. Dois haviam conseguido esfaqueá-lo e outros tantos aplicaram pancadas com os cacetes antes que Julian se libertasse e fugisse.

Talvez estivesse desorientado. Ou talvez o seu invulgar sentido de orientação, que parecera ter-lhe falhado no beco, houvesse voltado a funcionar. Não havia outra explicação para o motivo por que entrara num outro beco,

o qual acabava num muro sólido. O sangue que perdera levava-o a ficar inconsciente depois de ter subido a um contentor de lixo e saltado o muro.

Fora esse o seu testemunho: perdera os sentidos e não podia adiantar informações sobre o que entrara no beco atrás dos homens que o perseguiam. Mas houve qualquer coisa que o fez. Algo grande e poderoso o suficiente para eviscerar cinco homens antes de lhes arrancar os braços, as pernas e as cabeças. A selvajaria chocara toda a força policial da Região Nordeste, já para não falar do pânico instalado entre os habitantes das povoações humanas que se julgavam a salvo dos *terra indigene*, conquanto se mantivessem dentro dos limites das suas terras.

Não havia quem pudesse provar que Julian não ficara inconsciente, que não ouvira tudo o que acontecera àqueles homens. Ninguém podia provar que ele escolhera aquele beco específico com a intenção de encurralar aqueles homens. Ninguém podia provar que não era apenas uma vítima de uma tentativa de homicídio — ou pelo menos de agressão, caso os homens quisessem apenas «desencorajá-lo» de aprofundar a investigação das falcatruas.

Ninguém era capaz de provar nada. Mas todos que haviam sido seus colegas na academia ou camaradas na força policial sabiam dessa sua capacidade e tinham a certeza de que ele não escolhera aquele beco por acaso, que, de alguma forma, ele sabia que era a única hipótese de fuga.

E ninguém podia provar que ele pressentira o que aconteceria aos homens que o haviam seguido para o beco. Mas dois desses homens também eram polícias, o que levava a uma série de investigações. Julian acabara por receber uma compensação pelos ferimentos, declarados suficientemente graves para pôr um ponto final na sua carreira na polícia, e desaparecera.

Até agora.

Grimshaw olhou em volta. O negócio não parecia próspero, mas isso talvez se devesse à hora do dia.

— Uma livraria?

— Tenho de ganhar a vida — replicou Julian. — Gosto de livros, gosto de ler.

*E eu sei reconhecer uma evasiva.* — Porquê aqui?

— Porque não?

Grimshaw assentou os antebraços na ilha, numa posição descontraída. Passado um instante, Julian imitou-lhe a postura. Pelo menos à primeira vista eram dois amigos a pôr a conversa em dia.

— O que é que estás realmente aqui a fazer? — indagou Grimshaw.  
— Antes que me tentes engrupir, lembra-te de que não sou parvo e que já nos conhecemos há muito tempo. E que a tua saída da força foi, no mínimo, estranha.

— Achas que havia alguém que quisesse trabalhar comigo depois do Incidente? — contrapôs Julian.

— Eu. — Era verdade. Observou o homem que fora seu amigo. — Porque é que não disseste a ninguém que eras Intuit, que a tua habilidade não era exclusivamente tua? — Entoou a pergunta de modo a parecer que já o sabia, ao invés de estar à espera da resposta que confirmaria o seu palpite.

— E arriscar-me a expor o meu povo a discriminação ou a perseguição? — Os olhos cinzentos de Julian pareciam duros como uma pedra. — Já passámos por isso, já vimos como é que os outros seres humanos reagem à nossa capacidade de pressentir coisas. É por isso que as nossas comunidades estão no território selvagem — e é por isso que não admitimos o que somos quando temos de nos afastar dos nossos.

— Agora que houve Intuits a saírem do armário, por assim dizer, estima-se que uma em cada três comunidades humanas na zona dos Lagos do Dedo seja uma comunidade Intuit, ou um misto de Intuits e gente da Vida Simples — adiantou Grimshaw.

— Algo que ainda não é do conhecimento geral fora dos círculos governamentais e da polícia, e ainda não se confirmou *quais* as comunidades que são Intuit. E os Lagos do Dedo, ou Lagos da Pena, como os Outros lhes chamam, *ficam* no território selvagem. Não há qualquer aldeia controlada por humanos nesses lagos. És da brigada de trânsito, portanto sabes bem disso.

Era verdade.

— Se querias esconder o que eras, porque não frequentaste uma academia de polícia Intuit numa das vossas comunidades?

— Não havia. Pelo menos na altura. Agora existem algumas na Região Nordeste para quem sente necessidade de servir e proteger.

Grimshaw continuou a observar o homem que fora seu amigo. O cabelo escuro de Julian estava comprido a ponto de ser apanhado num pequeno rabo de cavalo, mas ele usava-o solto, o que o deixava desalinhado — ou talvez apenas desgrenhado, de modo a atrair algumas mulheres. Era magro e de rosto cinzelado, com uma leve cicatriz numa face, recordação do ataque — ou talvez aquela fosse a única cicatriz visível aos outros. Grimshaw imaginava que Julian Farrow tivesse outras cicatrizes feitas naquela noite, marcas que não estavam na pele nem eram visíveis.

Mas ele também fora um bom polícia. Mais do que isso, fora um bom investigador.

O que suscitava a questão: O que *tinha* Julian Farrow realmente andado a fazer durante tantos anos?

— De certeza que é só isso que fazes aqui em Sproing? Vendes livros?

Julian olhou na direção da porta de rede. Grimshaw pensou ouvir um leve arranhar na rede, mas quando olhou para trás, não viu nada.

— Tenho o ideal para uma leitura ao serão — disse Julian. — Algo que eu duvido que já tenhas lido. — Dirigiu-se aos fundos da loja e voltou daí a pouco. Pousou na bancada dois livros e o que parecia ser um tabuleiro estreito. Abriu um recipiente e depositou dez pedaços de cenoura no tabuleiro, após o que se dirigiu à porta de rede. Bloqueou a porta de rede na posição aberta com um garrafão com água ou areia — de onde se encontrava, Grimshaw não conseguia distinguir o que era — e pousou o tabuleiro no chão, logo à entrada.

Ao regressar à ilha levantou dois dedos e disse: — Dois pedaços para cada um.

Grimshaw fitou as criaturas que se juntaram à porta. Cinco. Interrogou-se, por um momento, se Julian teria perdido a cabeça para estar a alimentar ratazanas gigantes. Mas aquelas caras não eram de ratazanas. O que poderia ficar assim tão satisfeito com um pedaço de cenoura?

— O Alan Wolfgard escreve *thrillers* — disse Julian ao retomar o seu lugar do outro lado da ilha. — E o outro é uma história de mistério escrita por um autor Intuit.

— Mas que raio...? — murmurou Grimshaw. Depois apercebeu-se da expressão de alerta nos olhos de Julian e pegou num dos livros. — Nunca ouvi falar do Alan Wolfgard. — Mas sabia que o nome indicava tratar-se de um Lobo *terra indigene*. — Gostas deste tipo de coisas?

— Sim. E a perspetiva que ele tem do género é... diferente.

*Imagino.*

— E algo que talvez te seja útil — murmurou Julian.

Ao ouvir arranhar junto à porta, Grimshaw olhou e viu as cinco criaturas empurrarem o tabuleiro de madeira para junto da porta. Depois fizeram o ar feliz e afastaram-se *aos saltos*. Não pareciam coelhos, nem qualquer outra coisa que alguma vez tivesse visto.

— Aquilo são Sproingers, e deram origem ao nome da aldeia — explicou Julian.

— Mas, o que é que eles *são*?

— Boa pergunta. Passei a vida a colecionar livros sobre sítios, sobretudo livros ilustrados com imagens de vida selvagem e plantas de outras partes deste continente, bem como de outras partes do mundo. Julgo que a base das criaturas que conhecemos como Sproingers vem do continente Australis.

— Isso fica tão longe que até podia ser outro mundo — comentou Grimshaw. Quantas semanas de navio seriam precisas para lá chegar? — Como é que uma criatura de... — Foi então que se apercebeu do que Julian dissera. — A base?

— Uma das coisas estranhas acerca dos Sproingers, além de aqui estarem de todo, é o facto de serem sempre à volta de cem, e neste continente só se encontram junto ao Lago do Silêncio — explicou Julian. — Não têm inimigos naturais — são grandes o suficiente para enfrentar um gato doméstico e os cães afastam-se deles —, mas nunca são mais de cem. Há lince na mata, e coiotes — tanto animais comuns como *terra indigene*. Nada toca nos Sproingers. Portanto, tornaram-se uma espécie de atração turística, com aquelas carinhas sorridentes e a maneira como saltam por aí e param nas lojas à espera de guloseimas. E enquanto enfardam ouvem tudo o que se passa à volta deles.

— Mas não são predadores — afirmou Grimshaw. — Nunca se soube de qualquer forma de *terra indigene* que não fosse um predador. — Enquanto grupo, os *terra indigene*, os nativos da terra, os Outros, eram os predadores dominantes um pouco por todo o mundo, e conseguiam ser uma força assassina profundamente eficiente, tal como os humanos haviam descoberto no verão anterior.

— É verdade — corroborou Julian. — Os Sproingers não são predadores. Duvido que se possa dizer o mesmo quanto à outra forma deles.

— Sabes qual é?

— Qualquer coisa perigosa. — Julian hesitou. — Não estranhaste o nome da loja?

— Pensei que o dono fosse um afetado qualquer.

Julian riu-se baixinho.

— Abri a livraria no outono passado. Depois de os *terra indigene* terem corrido Tháisia e matado tantos humanos durante a Grande Predação, no verão passado, muitos estabelecimentos em Sproing ficaram de repente sem proprietários, quer por os donos terem morrido, quer por as pessoas terem fugido. A livraria foi um desses casos. Os herdeiros queriam vender o mais depressa possível e fugir para algum sítio controlado pelos seres humanos. E eu comprei-a.

» Na véspera da inauguração, ao fim do dia, entrou alguém na loja. Parecia do tamanho de uma criança, mas não entrou por completo no estabelecimento, e a luz não era suficiente para a ver em condições. Perguntou-me se ia abrir a casa das histórias, e eu disse-lhe que sim. Perguntou-me qual seria o nome e eu respondi-lhe que ainda não tinha decidido, e ela podia ajudar-me a escolher.

» Não voltei a pensar nisso; era só uma criança curiosa. Mas passados dois dias, ela voltou a entrar na loja ao fim da tarde e deixou um papel em cima da bancada com palavras escritas com cuidado: Casa do Leite Ouro.

— Casa do Leitor. Ela escolheu palavras que se aproximavam o suficiente.

Julian assentiu.

— Ou ela não sabia como escrever ou então estava a pôr-me à prova. Seja como for, foi assim que a loja recebeu o nome. Agora, todas as semanas há cinco como ela que vêm à livraria, ao pôr do Sol. No lusco-fusco, eles passam bem por humanos. Grosso modo têm a forma correta. Mas não são humanos. Não sei ao certo que tipo de *terra indigene* são, mas tenho a certeza de que são predadores do mais alto nível, e vivem algures junto ao lago. Vêm e cada um compra um livro. Por vezes devolvem um livro para receberem crédito pelo livro usado e dizem-me porque não gostaram. Há outros de que gostam muito, e eu sugiro-lhes outras histórias que lhes possam interessar.

Grimshaw pensou na situação.

— Há cinco Sproingers que vêm às cenouras todos os dias?

— Quase todos os dias. Não aparecem no Dia da Terra, que é quando a livraria está fechada. Mas não me parece que quem compra os livros e os Sproingers sejam os mesmos seres, embora seja possível que um tipo de *terra indigene* tenha escolhido duas formas muito diferentes para vigiar esta parte do Nordeste. — Julian olhou Grimshaw demoradamente. — Wayne, passa-se qualquer coisa em Sproing. É melhor teres cuidado com as alianças que fazes.

Grimshaw sentiu um arrepio na espinha. Vindo de Julian Farrow seria um alerta grave.

— O que sabes acerca da Victoria DeVine?

Julian pensou um pouco. Demasiado?

— É boa pessoa — acabou Julian por dizer. — Inteligente e com sentido de humor; não magoa os sentimentos dos outros para ter piada.

O Cacharolete fez parte do acordo de divórcio, a par de um pagamento em numerário. Enterrou o dinheiro na propriedade, que precisava de reparações, bem como de janelas novas, cablagem, canos, fossa séptica. Precisava de tudo um pouco. Ela conseguiu reparar a casa principal e três das casas de hóspedes. Agora é esperar e ver se consegue ter hóspedes regulares suficientes para manter o lugar. Ainda não vi nenhum, mas acho que já teve ataques leves de ansiedade desde a separação e o divórcio. Mas, de um modo geral, tem superado o desafio que é viver num sítio isolado como o Cacharolete. Quanto a hóspedes, ela dispõe de uma praia excelente reservada aos residentes — e os aldeões ressentem-se disso, pois é maior do que a zona pública na margem sul do lago. Acho que as pessoas se habituaram a usar a praia do Cacharolete como se fosse pública e não gostaram que tivesse passado a ficar vedada.

— Gostas dela.

Julian fitou Grimshaw.

— Costumo gostar das pessoas que considero amigas. É por isso que são amigos.

— Já a convidaste para sair? — Não fazia o género dele. Para começar, era demasiado nervosa, mas Julian sempre tivera regras muito próprias no que dizia respeito às relações.

— Por acaso mudaste de departamento e andas a fiscalizar os namoros? — questionou-o Julian.

Grimshaw sorriu.

— Estava só a perguntar.

Julian desviou o olhar, deixando Grimshaw a pensar em cicatrizes invisíveis — e a interrogar-se se teria batido numa delas.

— Julian?

— Quer-me parecer que a Vicki DeVine teve um casamento desastroso e um divórcio pior, e que há feridas profundas que ainda não sararam.

Grimshaw pensou na reação dela à sua presença, o modo como por vezes parecera estremecer, como se estivesse à espera de algum tipo de golpe.

— Ela tem problemas em estar na presença de homens? — Se fosse esse o caso, Menina de estância não seria a melhor das profissões.

— Com amigos está tudo bem. Não soube de problemas com os empreiteiros que repararam o Cacharolete. Agora, quando as coisas ganham contornos demasiado pessoais? O ataque de ansiedade que se segue não é propriamente leve. — Julian hesitou. — A Vicki ficou com a Ineke Xavier

enquanto o Cacharolete estava a ser restaurado. Certa noite, um dos outros hóspedes atirou-se a ela. Não sei pormenores, só que a Ineke expulsou o homem e chamou o médico para lidar com a reação da Vicki.

— Bolas — exclamou Grimshaw baixinho. Nervosa não era a melhor descrição para alguém assim.

— Por vezes encontramos-nos para almoçar, ou vamos ver um filme com outros amigos. Desde que ninguém lhe chame um encontro, com as obrigações físicas que o termo lhe invoque, corre tudo bem.

— E não tens problema com isso?

— Ela é minha amiga. Não tenho problema com isso. — Julian soprou o fôlego. — Diz-se que o morto estava associado a um promotor imobiliário que ia construir uma estância de certa dimensão no lago.

Grimshaw percebeu a mudança repentina de assunto.

— Achas que há quem esteja de olho no Cacharolete para isso?

— É o único terreno disponível, e não está propriamente disponível.

— A menos que apareça um cadáver na propriedade e a investigação afugente a atual proprietária. — Pensou por um instante. — Então e o outro lado do lago? Poderá haver quem esteja de olho nisso?

Julian soltou uma gargalhada.

— A Casa do Silêncio é a residência do grupo de Sanguinati locais. Ninguém com dois dedos de testa, ou sem tendências suicidas, abordaria os vampiros para falar sobre empreendimentos em torno do lago.

— E se eu precisar de falar com eles?

— Liga aos teus senhorios. Julgo que são donos do outro escritório por cima da esquadra.

— Bolas — resmungou Grimshaw. — Quantos edifícios nesta aldeia pertencem aos Sanguinati?

— Mais do que o presidente da câmara ou qualquer outra pessoa julga. Mas isso é só um palpite.

Era demasiado em que pensar. Precisava de tempo e de sossego para meditar.

— Há por aqui algum sítio onde ficar? Não vi nenhuma estalagem, nem hotéis.

— Tens a pensão da Ineke Xavier, se quiseres alguma coisa por pouco tempo. É aseada e a comida é boa. Ela às vezes consegue ser... difícil, mas é a melhor alternativa. Se for uma coisa mais a longo prazo, há umas casas junto à ribeira da Nora, que tem uma roda hidráulica que gera eletricidade para as casas. Pensando bem, julgo que também fornece eletricidade

ao Cacharolete. As casas têm uma assoalhada, mas podem ser mobiladas. Estou a alugar uma e não tenho razões de queixa.

— De quem são as casas? — Mas Grimshaw desconfiava que já sabia a resposta.

— Dos habitantes da Casa do Silêncio. Não te deixes enganar pelas ruas alcatroadas e pelas montras, Wayne. Estás em território selvagem e todos nós somos presas.

*Muito* em que pensar.

— Se calhar é melhor ir à pensão e perguntar por um quarto à Menina Xavier. Quanto é que te devo pelos livros?

— Se os devolveses em bom estado, posso vendê-los à Vicki como usados como novos. — Julian sorriu. — Ela está a criar uma biblioteca para ela e para os potenciais hóspedes, mas não tem grande orçamento.

Sentiu-se tentado a perguntar se Julian saberia que a hóspede de Victoria DeVine era um Corvo, mas isso podia esperar.

— Vamos falando, Julian.

— Vais trabalhar do outro lado da estrada em relação à livraria, portanto é bem provável que sim.

Grimshaw seguiu as indicações de Julian e dirigiu-se à pensão.

Pois. Tinha muito em que pensar, independentemente daquilo que a Unidade de Investigação Criminal descobrisse.

Como por exemplo, o que estaria Julian Farrow realmente a fazer num sítio como Sproing?